

## ***HOMENAGEM AO MINISTRO JOSÉ DELGADO\****

---

**NILSON VITAL NAVES\*\***

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça*

Pediram-me palavras, não me escusei, jamais me escusaria tratando-se de José Delgado. Fiquei matutando como referir sua vida. O magistrado? O professor? O escritor? Vou tentar falar um pouco do magistrado, embora sabendo que duas ou três palavras são insuficientes para retratar esse juiz que gostaria de ter eu sido: juiz a vida toda, a vida toda que alguém juiz pode ser, juiz completo. Falo-lhes de um juiz perfeito, mais que perfeito, procurando eu aqui a expressão exata das minhas idéias; de alguém que reúne em torno de si aqueles requisitos anotados por filósofos clássicos para se julgar bem: a prudência, o raciocínio e a experiência.

Pois bem, um dia, vão-se alguns anos, nos idos de 1965, José Delgado iniciava sua história de magistrado como Juiz de Direito em São Paulo do Potengi, pequena cidade do Rio Grande do Norte que seria berço de tão grande judicatura! Carreira proficiente e majestosa o levaria, mais tarde, ao Tribunal Regional Federal da 5ª Região – porque, é claro, passara a Juiz Federal Substituto em 1975 -, vindo a substituir no Tribunal Federal de Recursos e no Superior Tribunal, Casa esta que seria também sua a partir de 1995. Aqui, são dele estas palavras, encontrou, sim, uma “Casa onde se aprende a ter muita humildade”. E foi aqui que, nos últimos quase treze anos, exercendo o Direito, buscou uma forma eficiente de prestar a justiça.

Inquieto por natureza, a demora do processo sempre foi insatisfação em seu espírito, pois, se dolorosa para a parte – não é,

---

\* Palavras proferidas na sessão em que foi homenageado o Ministro José Delgado, STJ, 4.6.08.

Delgado? -, igualmente o é para o juiz consciente. Quem não o já ouviu dizer que o julgador tem obrigação de manter abertos os armários, senti-los de perto; enfim, conversar com eles, pois de todos emana uma história de sofrimento e angústia? Foi sempre assim: preocupado com a imprevisibilidade das decisões judiciais e com seus reflexos na segurança jurídica, buscou – e soube fazê-lo bem – corrigir as insuficiências da lei, tornando-a mais ideal que real.

Não é meu intento, vejam, referir as obras pretéritas todas de Delgado. Na verdade, disse pouco do que sobre ele sei. Aliás, dúvidas não as tenho de que lhes estou falando de um homem cheio de passado! De tempos e tempos que não cabem nestas linhas. Também de um tempo que passou muito rápido! Hoje nos deixa Delgado – esta é a última sessão da Corte Especial de que participa -, deixando em breve o Superior Tribunal. Quero, então, expressar – o que entendo seja por unanimidade (vejam o semblante dos colegas e dos amigos) – o reconhecimento de todos nós pelo trabalho sério e profícuo que, ao longo de tantos anos, desenvolveu no Superior Tribunal, valioso serviço prestado à Justiça e em defesa do jurisdicionado. Agora vai a outras jornadas, e a outros afazeres, e a outros combates; ficamos com sua judicatura, com suas idéias e reflexões, com seus ensinamentos e escritos.

No tempo oportuno – e isso ocorrerá brevemente -, Delgado receberá todas as homenagens do Superior Tribunal em sessão plenária, com enorme assistência. Por ora, ficam estas palavras do amigo e colega, cheias de uma certeza: o vôo não terminou!